

Política

PESQUISA

O brasileiro não tem interesse pela política, quer emprego público e acha que a nova Carta deixa tudo igual. Ao contrário do que pensam os constituintes. Os dados são de duas pesquisas encomendadas por empresários:

O brasileiro, longe da política.

Por Willian Waack

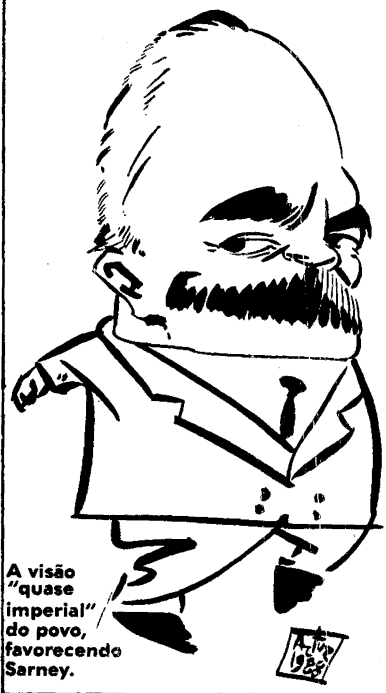
O Brasil é um país de gente sem interesse pela política, disposta a apoiar quem esteja no poder e com um grande ideal na cabeça: conseguir um bom emprego numa empresa estatal. Fica evidente, além disso, o profundo descompasso entre o que pensa a maioria da população brasileira sobre alguns dos principais problemas do País e aquilo que pensam os integrantes da Constituinte.

Estas são algumas das conclusões que se pode tirar dos resultados de um conjunto de duas ambiciosas pesquisas patrocinadas por um importante grupo de empresários paulistas. Elas estão prontas há dois meses e foram realizadas por dois dos mais renomados institutos de pesquisa junto a dois públicos-alvo: um contingente de cinco mil entrevistados em cidades que vão de Manaus a Porto Alegre e uma amostragem representativa de parlamentares no Congresso.

Os resultados em detalhe permanecem confidenciais. Os dados aos quais o *Jornal da Tarde* teve acesso confirmam, no plano genérico, uma máxma compartilhada pelas ramos políticas: 87% da população brasileira afirmam não ter qualquer interesse ou, então, interesse apenas reduzido por política. O mais impressionante nesse dado, contudo, é que ele não se diferencia fundamentalmente conforme a região, o que parece confirmar, também, o axioma de que a mídia eletrônica anda padronizando o País.

Existe clara tendência presidencialista entre os brasileiros. Mais ainda: significativa maioria dos entrevistados acha que a figura do presidente da República deveria ser ornamentada com poderes suplementares, além dos que já possui — e que são considerados, por especialistas, como quase imperiais.

Entre as classes mais baixas, Sarney parece lucrar bastante com esse *best* transmitido pelo cargo: 42% é índice de popularidade que ele registra nos segmentos de baixa renda ou posição social. Sua popularidade decresce entre os entrevistados de maior nível de instrução e classe socio-



A visão "quase imperial" do povo, favorecendo Sarney.

econômica: só 26% das elites têm simpatias por Sarney. Ele desfruta, de maneira geral, de maior confiança entre os velhos do que entre os jovens.

Sindicatos ganham

Na escala de simpatia, medido por meio de uma pergunta-chave — "quem você acha que melhor contribui para o País sair de suas dificuldades?" — ganham de longe os sindicatos de trabalhadores: 29% dos entrevistados se manifestaram achando que os sindicatos têm importante contribuição positiva. A Igreja ocupa a segunda posição, com 20%, seguida da imprensa, com 15%, e dos prefeitos, com 14%. Imagem negativa possuem grupos como os criadores de gado, os militares e os banqueiros. Nem 10% dos brasileiros acham que eles estão ajudando o País a sair da crise.

Sobre alguns dos temas polêmicos no noticiário dos jornais — como a renegociação da dívida externa, por exemplo — a opinião da maioria desanimaria os mais engajados. Perto de 2/3 da população brasileira acham que os juros da dívida devem ser pagos. Outros

45% aparentemente têm opinião bastante clara sobre quem se opõe ao presidente Sarney: acham que são os empresários.

Indicador importante da formação de mentalidade é a questão colocada para averiguar quem, na opinião do brasileiro, melhor sabe administrar. As respostas situam as empresas multinacionais em primeiro lugar, seguidas das empresas privadas e ficando em último as estatais. Quando solicitados a dizer, porém, em qual delas prefeririam trabalhar, deram preferência às estatais...

Constituinte piora

A esmagadora maioria da população — 73% — acha que o País nada muda ou até piora depois de promulgada a nova Constituição. A mesma pergunta, feita entre os constituintes, mostra quadro totalmente inverso: 75% deles acham que o País melhora quando o resultado de seu trabalho começar a valer. É particularmente alto o número de deputados das bancadas do Norte e Nordeste satisfeito com a própria atividade de redação da Constituição: acham que vão muito bem.

Ulysses é o líder indiscutível dos constituintes. Mais de 70% deles o consideram o verdadeiro condutor da Assembléia, e até 35% dos deputados que se consideram de esquerda acham que Ulysses é de fato o principal líder. Outro dado curioso é o índice de "aprovação", isto é, de simpatia atribuído pelos constituintes ao Centrão: 40%. O Centrão recebe, portanto, mais votos do que simpatias.

Constituintes de maior prestígio, de acordo com a pesquisa realizada entre os parlamentares, são, pela ordem, Mário Covas, Bernardo Cabral e José Lourenço. Entre os dez mais prestigiados situam-se ainda Jarbas Passarinho, Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva.

Podem-se tecer longas especulações sobre os motivos que levaram os constituintes a escolher o ministro de maior prestígio: é o da Habitação, Prisco Viana, um dos principais articuladores do governo entre os parlamentares. O ministro de menos prestígio é o da Justiça, Paulo Brossard.